

## A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO

### PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL: MOVIES AS A TEACHING RESOURCE

Diego Augusto DOIMO<sup>1</sup>  
Raimunda Abou GEBRAN<sup>2</sup>

**RESUMO:** As mudanças advindas de uma educação cada vez mais diversificada em seus contextos sociais e culturais requerem que o professor crie novas estratégias de ensino e utilize recursos diferenciados, buscando uma aprendizagem que seja favorável à compreensão de mundo e a reflexão crítica dos alunos. Nessa perspectiva, a pesquisa teve como objetivo analisar o cinema como recurso didático utilizado para apoiar o ensino de filosofia no ensino médio, possibilitando pensar a ação docente por meio de roteiros de aula com o uso de filmes. A metodologia de estudo contemplou uma abordagem qualitativa por meio da pesquisa bibliográfica, análise documental e estruturação de roteiros de aula. Os resultados apontaram que, além de contribuir para a reflexão filosófica, os roteiros de aula podem suscitar novos olhares para uma educação transformadora, promover melhorias na prática docente e preparar cidadãos conscientes para que sejam autores da própria mudança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Filosofia. Cinema. Recurso Didático. Roteiro de Aula.

**ABSTRACT:** The changes resulting from an increasingly diversified education in their social and cultural contexts require the teacher to create new teaching strategies and use different resources, seeking a learning that is conducive to the understanding of the world and critical thinking of students. In this perspective, this study aimed to analyze the Cinema as a teaching resource used to support the philosophy of education in high school, making it possible to think the teaching activities through class itineraries with the use of film. The study methodology included a qualitative approach through literature, document analysis and structuring of class scripts. The results pointed out that in addition to contributing to the philosophical reflection, lecture tours the can raise new looks for a transformative education, promote improvements in teaching practice and prepare citizens aware that they may be authors of their own change.

**KEYWORDS:** Teaching Philosophy. Movies. Teaching resource. Class Script.

## INTRODUÇÃO

As Ciências Humanas sempre se ocuparam com problemas pertinentes ao ser humano e suas relações com o mundo, conduzindo pesquisas que, juntamente com as demais áreas do conhecimento, mantiveram o propósito de afirmar sua contribuição histórica, social e científica.

A Filosofia como área do conhecimento pertencente às Ciências Humanas ainda enfrenta inúmeros desafios para que realmente possa ocupar um espaço consi-

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista. Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *Campus* Porto Velho Zona Norte. Endereço eletrônico: diegodoimo@uol.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista. Endereço eletrônico: ragebran@hotmail.com.

derável nos currículos escolares do Ensino Médio, no intuito possibilitar aos alunos desenvolverem suas potencialidades e autonomia intelectual, além de contribuir para a formação ética, estética e política, tornando-os cidadãos mais conscientes da realidade. É também por meio dela que se abre espaço para uma metodologia filosófica que possa ser capaz de dialogar com o conhecimento, com a reflexão e com a produção intelectual do aluno.

Entendemos que de um lado, a Filosofia pode oferecer a apreensão de competências e habilidades conduzidas por situações de aprendizagens constantes no currículo do Ensino Médio. Para tanto, justifica-se que o aluno pode e merece ter aula de Filosofia, para desenvolver as possibilidades de pensamento que essa disciplina pode proporcionar, pois também é por meio dela que se abre espaço para uma metodologia filosófica que possa ser capaz de dialogar com o conhecimento, com a reflexão e com a produção intelectual do aluno.

De outro lado, o Cinema pode construir uma visão crítica e reflexiva por meio do uso de filmes que se apropriem de uma linguagem metafórica capaz de associar temas filosóficos à imagem em movimento. Sendo assim, o uso dos filmes no contexto educacional enquanto recurso didático não é algo novo, porém, carecem direcionamentos acerca das possibilidades de aplicação em sala de aula por meio de atividades projetadas e pensadas a antes da exibição, do entendimento de suas múltiplas linguagens (durante a exibição) e reflexão sobre a inventividade humana (depois da exibição), reforçando assim, a necessidade de se explorar o assunto.

Com isso, a problemática da pesquisa centrou-se na seguinte questão: Quais as potencialidades educativas do Cinema quando utilizado como recurso didático no Ensino de Filosofia? Assim, definiu-se como objetivo analisar o Cinema como recurso didático para apoiar o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, possibilitando pensar a ação docente por meio de roteiros de aula com o uso de filmes.

Para a consolidação desse processo buscou-se um levantamento bibliográfico da literatura pertinente à Filosofia e ao Cinema, além da leitura de documentos norteadores como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) e, principalmente, o Currículo de Ciências Humanas do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2012), juntamente com as referências de filmografia (A ILHA..., 1996; POPULAÇÃO 436, 2006) a serem indicadas no processo de roteirização de aulas.

A pesquisa configurou-se como pesquisa qualitativa, envolvendo análise documental por meio do levantamento de filmes que estivessem relacionados aos conteúdos descritos no Currículo e que possam ser exibidos para apoiar o Ensino de Filosofia. Também foram construídos roteiros para o uso de filmes nas aulas de Filosofia que possam repensar a ação docente (antes, durante e depois) da exibição dos filmes,

preocupando-se também quanto ao fornecimento prévio de um roteiro de análise, para que o aluno possa situar-se e acompanhar sua própria aprendizagem.

Consideramos que este trabalho pode contribuir para a sistematização do uso do Cinema na sala de aula e suas possibilidades de aplicação para apoiar o Ensino de Filosofia no Ensino Médio por meio de um direcionamento que pode se fazer presente nos roteiros de aula, reafirmando sua importância enquanto recurso didático disponível e acessível ao professor.

## **O ENSINO DE FILOSOFIA NO CURRÍCULO E OS ELEMENTOS DIDÁTICOS**

O retorno da Filosofia no Currículo do Ensino Médio representa uma responsabilidade quanto à contribuição de seu ensino para a formação integral e cidadã de muitos jovens, que, tendo seu primeiro contato com esta disciplina ainda na educação básica, poderão experimentar um mundo de possibilidades que vai além dos bancos escolares, levando consigo conhecimentos filosóficos significativos para a vida, obtidos a partir da reflexão e sistematização de ideias e conceitos desenvolvidos durante as aulas.

Em um rápido pensamento, poderíamos até expressar a ideia sobre o seu retorno aos currículos escolares, simplesmente afirmando que a mesma conseguiu plenamente a atenção merecida: ser compreendida como uma disciplina essencial para a formação humana. Porém, contrariando essa proposição, ao longo dos tempos o que se verifica, é que a Filosofia sempre buscou e lutou para conquistar seu espaço e reconhecimento na educação brasileira que, outrora, foi ignorada em decorrência de aspectos ideológicos e políticos vivenciados pelo país, descartando seu propósito crítico, reflexivo e formativo nos ambientes escolares.

Diversos foram os momentos no qual a Filosofia perdera a oportunidade de se firmar como disciplina escolar em caráter obrigatório, dificultado ainda mais durante o período do regime militar, que impôs demasiadamente uma educação opressora, sem qualquer abertura para que as ideias pudessem ser dialogadas, o que mais uma vez veio a prejudicar o acesso e possibilidade de se exercer a reflexão e o pensamento filosófico nas escolas brasileiras.

Cabe lembrar também que, apesar da LDB 9394/96 representar um marco de extrema relevância para o reconhecimento da Filosofia, ainda não foi o suficiente para que a mesma atingisse o patamar desejado nos currículos escolares, fato este que poderíamos apelidar de “reconhecimento velado”, ou seja, é como se nos dissessem “reconhecemos, mas não lhe daremos o espaço devido para tal” (BRASIL, 1996).

Somente no ano de 2006 o tão sonhado desejo e necessidade de que a Filosofia se tornasse obrigatória no Ensino Médio, começou a se firmar, a partir do Parecer do CNE/CEB 38/2006. Após diversas discussões colocadas em pauta no Parecer supracitado, foi no ano de 2008 em que realmente as mudanças se concretizaram quanto à estrutura curricular das escolas, promovendo, de fato, a inclusão legal da Filosofia e da Sociologia nas três séries do Ensino Médio por meio da Lei Federal nº 11.684/08, que alterou o art. 36 da Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), tornando-as disciplinas obrigatórias nos currículos escolares do Brasil (BRASIL, 1996; 2006; 2008).

Sobre o episódio, Rodrigo (2009, p. 1) reforça:

No dia 2 de julho de 2008, o presidente da República em exercício, José Alencar, sancionou a lei que torna obrigatório o ensino de filosofia e sociologia nas escolas públicas e privadas de nível médio. Trinta anos após ser eliminada desse nível de ensino, a filosofia retorna a ele como disciplina obrigatória em âmbito nacional, com lugar garantido por força de lei. Sua reinserção no currículo de nível médio já vinha se processando desde 1980, mas em caráter muito precário e instável [...]

Com isso, o ensino de filosofia, assim como o objetivo da própria disciplina no currículo escolar, cumpre a função de dialogar com ideias e possibilidades, oferecer caminhos para conduzir a aula a um espaço aberto aos questionamentos, às dúvidas, incertezas e descobertas, na medida em que os alunos possam também perceber as potencialidades de uma educação capaz de transformar e oportunizar um novo olhar da realidade.

Gallo (2012) propõe que, a partir da utilização de alguns elementos (sensibilização, problematização, investigação e conceituação), haja um direcionamento didático, a fim de que o aluno consiga desenvolver sua intelectualidade e vivenciar a verdadeira experiência filosófica durante as aulas.

O processo de sensibilização ocorre pelo comprometimento afetivo com o tema a ser trabalhado, trata-se de fazer com que o aluno esteja aberto ao diálogo com determinado assunto, ao tema que o professor pretende transformar em problema. Nesse ponto, é desejável que se utilize recursos artísticos, citados por Gallo (2012, p. 96), e podendo ser “uma música, um poema, um quadro, um conto, um filme; ou mesmo um desenho animado, uma história em quadrinhos...”. É nesse momento que ocorre um movimento de aproximação do universo cultural dos alunos com seu cotidiano, e percebe-se a possibilidade em colocar determinados problemas de natureza filosófica no contexto da aula.

É justamente no momento da sensibilização que o uso do filme na sala de aula poderá gerar um maior impacto no Ensino de Filosofia, pois, quando utilizado como um recurso didático, poderá subsidiar o trabalho do professor e fazer com que

o aluno sinta-se apto a deixar de lado seus preconceitos, concepções previamente estabelecidas, e passe então a dialogar com a nova proposta e temática colocadas naquele momento da aula.

Com a problematização no segundo passo, abre-se espaço para a transformação do tema em problema. A partir daí, consegue-se partir de um tema, transformá-lo em um problema e mostrar que ele conduz a determinadas interrogações, garantindo o movimento de se pensar a respeito deste problema. É esse movimento de ir em direção a pensar o problema, que possibilitará chegar ao conceito, portanto, chegar ao termo do processo da experiência filosófica. Para Gallo (2012, p. 97), “nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da Filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação”.

A investigação se ocupa do terceiro passo, representando a busca por ferramentas conceituais que possam auxiliar tal processo. A partir do momento que já foi elaborado um problema filosófico, parte-se para a investigação filosófica propriamente dita, para o estudo, para o aprofundamento filosófico. E isso será feito através do texto filosófico. Sendo que, nessa etapa, como reforça Gallo (2012, p. 97) “[...] não é tomada como o centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas”, buscando-se nos diferentes filósofos e em diferentes textos, possibilidades de pensamentos e conceitos que tenham sido produzidos para fazer frente a problemas iguais ou parecidos com os nossos.

É válido ressaltar, neste aspecto, a importância da leitura de textos filosóficos, oferecendo condições para que o aluno consiga produzir uma conceituação sobre o problema buscado. E é por meio de alguns procedimentos que o aluno conseguirá decodificar o texto escrito e apreender a mensagem nele contida, criando a possibilidade de elaborar sua própria reflexão a respeito do tema abordado.

O último passo é a conceituação, por meio da qual se percebe a efetivação do ato filosófico propriamente dito, e que consiste na abordagem de determinados conceitos com o objetivo de que possam contribuir na resolução de um problema, no contexto em que o mesmo se encontra. Assim, recorre-se ao movimento da criação, ou seja, à experiência fundamentada do próprio pensamento.

Sobre o movimento de criação de conceitos, Gallo (2012, p. 98) ressalva:

Que fique claro então que a criação (ou recriação) do conceito não é uma tarefa impossível: não se cria no vazio, com base em nada; são os próprios [...] elementos constitutivos que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema.

Com isso, os elementos didáticos apresentados sugerem que o ensino de Filosofia possa ser focado na problematização, na criação de um problema filosófico,

que perpassa por um ensino de argumentação e investigação filosófica, e que, a partir disso, o aluno possa, por meio de ensaios da escrita filosófica, arriscar uma criação para a elaboração de conceitos.

Em se tratando de aspectos facilitadores do processo didático exposto, são necessárias duas ações principais que devem agir de forma indissociável para a autonomia intelectual, descritas por Rodrigo (2009, p. 25), como:

[...] criar mediações pedagógicas que facilitem o processo de aprendizagem; e promover a transição para a construção da capacidade de pensar por conta própria, de modo que o estudante consiga gradativamente, [...] construir, ele próprio, suas mediações com a Filosofia.

Quanto à possibilidade de se criar mediações pedagógicas, Cardoso e Toscano (2011) relatam que este é um aspecto favorecedor para que ocorra a ampliação das capacidades do aluno, sendo que para isso, o professor desempenhará um papel de suma importância, onde deverá propor atividades que possam agregar o conhecimento e contemplar o seu desenvolvimento humano. Dessa forma, a partir das mediações pedagógicas, é possível que o processo de pensar por conta própria vá criando uma forma específica e dê condições para que o aluno exerça sua autonomia intelectual.

Gallo (2012) indica que como forma de desenvolver a autonomia intelectual dos alunos, a ação docente poderá propor a execução de exercícios filosóficos, tais como a leitura de textos e a construção/reconstrução de conceitos, devendo ser entendidos como a possibilidade de ensinar ao aluno outra forma de pensar seus próprios problemas e os problemas do mundo, além das formas que ele já pensa. Sendo assim, ele é ensinado a pensar sobre estes problemas, e é ensinado a pensar moralmente, através das tradições do momento histórico que vivencia.

Portanto, o Ensino de Filosofia na escola deve cumprir o papel de fazer com que o aluno possa também “pensar filosoficamente”, isto é, ser capaz de procurar a verdade de tudo quanto existe com base em seus próprios princípios, a respeito dos seus problemas. E nesse caminho, pode-se possibilitar que, por meio de um pensamento filosófico, de uma disciplina filosófica do pensamento, ele possa vir a ver a realidade de outra maneira e tomar atitudes baseadas em critérios diferentes.

Aspis e Gallo (2009) retratam que, o que se pretende mesmo é ensinar Filosofia, por mais diversa que seja a realidade do ensino no Brasil, e mesmo dentro de uma sala, com toda a diversidade encontrada. Com isso, é preciso repensar nos procedimentos referentes ao Ensino de Filosofia, para que possa atingir todos os alunos, de forma geral, até mesmo aqueles que não estejam minimamente interessados e que nunca pensaram na existência do conhecimento filosófico.

Assim, o aluno deve, pode e merece ter aula de Filosofia, para desenvolver as possibilidades de pensamento que essa disciplina pode proporcionar, pois também é por meio dela que se abre espaço para uma metodologia filosófica que possa ser capaz de dialogar com o conhecimento, com a reflexão e com a produção intelectual do aluno.

Dessa forma, além das características apresentadas, bem como das especificidades do seu ensino, deve-se levar em consideração que ela é um produto do pensamento, possibilita a experiência dialógica com as demais áreas do conhecimento e favorece as discussões surgidas no processo de ensino, aplicando-se, de forma conjunta, elementos didáticos próprios que possam subsidiar o trabalho docente em sala de aula.

### **CINEMA NA SALA DE AULA: CONTEXTO EDUCATIVO E FILOSÓFICO**

Haja vista que o atual cenário educacional encontra-se em constante processo de formação e transformação, não é difícil percebermos a necessidade dos professores em buscar novas estratégias e formas de adequar o ensino à realidade dos alunos, utilizando-se para isso de formas, métodos, materiais e recursos dos mais diversos possíveis, no intuito de que a aprendizagem possa ser contemplada.

Mesmo o Cinema sendo considerado um dos recursos didáticos que se faz presente nos ambientes escolares, sua apropriação na sala de aula ocorre de maneira progressiva, tendo em vista que pouco mais de um século após o seu surgimento, a utilização de filmes para fins pedagógicos ainda é um desafio para a educação.

Nesse sentido, é importante lembrar que o nascimento do Cinema ocorreu no final do século XIX quando os irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895, apresentaram o cinematógrafo no Salão Grand Café em Paris. Com as evoluções permitidas pelo tempo, o Cinema foi aderindo a uma variedade de linguagens compartilhadas com as demais artes, pois, segundo Thiel (2009, p. 16):

O cinema é conhecido como a sétima arte porque, além de suas características peculiares, associa elementos da literatura, da música, da arquitetura, das artes cênicas. Ao tratarmos da recepção, leitura e interpretação de filmes, é importante lembrarmos que esses são textos, tecidos com diversos elementos visuais, verbais, sonoros, arrançados de acordo com técnicas específicas. Portanto, os objetos fílmicos devem ser lidos e analisados a partir de suas especificidades, o que nos conduz à necessidade de conhecermos os elementos constitutivos da arte cinematográfica.

Thiel nos mostra que a interpretação fílmica é desencadeada por um conjunto de elementos que, quando associados, produzem significado e permite ao expectador a elaboração de um conceito. Nessa perspectiva, é preciso reconhecer o Cinema como uma nova linguagem a ser explorada para fins educativos, quando Napolitano (2009, p. 11) afirma que “o cinema pode ser considerado uma “nova” linguagem centenária,

pois apesar de haver completado cem anos em 1995 a escola o descobriu tardiamente. O que não significa que o cinema não foi pensado, desde os seus primórdios, como elemento educativo”.

As possibilidades de uso do Cinema no processo educativo bem como levá-lo a se tornar um recurso que favoreça a compreensão de conteúdos, depende de como os professores direcionam as atividades de análise contidas nos filmes. Almeida (2001, p. 29) comenta:

Embora o cinema já seja utilizado há algum tempo por muitos professores, pelo menos desde o final dos anos 1980, só mais recentemente estão surgindo algumas propostas mais sistematizadas que orientem o professor. [...] Acreditamos que é possível, mesmo o professor não se tornando um crítico cinematográfico altamente especializado, incorporar o cinema na sala de aula e em projetos escolares, de forma a ir muito além do “conteúdo” representado pelo filme.

Ultrapassar o conteúdo exposto em um filme, é de certo modo, poder enxergar-se diante da história, comungar da ficção como se a mesma fosse real, porém, ao mesmo tempo, é preciso entender que apesar de o filme transparecer a realidade, o mesmo se constitui de um recorte do real com uma intencionalidade direcionada a um público, cabendo ao espectador criar seu próprio conceito de realidade a partir do seu “filtro” cultural, ideológico e valorativo.

Nessa perspectiva, Duarte (2009, p. 73) enfatiza que “o cinema é um instrumento precioso, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades”. Com isso, pode-se pensar que todos esses elementos se constituem em um importante processo para aproximar o aluno do meio em que vive e, também, fazer com que o professor perceba o caráter pedagógico do filme.

Para tanto, a linguagem cinematográfica possui inúmeras formas de abordagem e de adequações a serem pensadas no âmbito da educação escolar, desafiando o professor a identificar quando e como adaptar um filme ao conteúdo ou aprendizagem para que o mesmo esteja articulado à aula, ou seja, é preciso delinear as habilidades ou objetivos que deverão ser alcançados e organizar as ações que poderão ocorrer antes, durante e depois da exibição. Sobre este aspecto, Napolitano (2009, p. 165) acrescenta:

Ao escolher um ou outro filme para incluir nas suas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/

ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem.

Thiel (2009, p. 13) complementa a ideia:

Nesse sentido, o professor atua como um mediador da leitura do filme em sala de aula e, com vistas a promover a fruição e também uma análise mais eficiente desse gênero, deve dialogar com os alunos sobre alguns elementos constitutivos do texto fílmico, propondo atividades variadas para que os alunos compreendam a obra como significativa.

Refletindo sobre as ideias de Napolitano e de Thiel, ao se planejar as atividades que serão desenvolvidas, torna-se também essencial pensar no papel a ser desempenhado pelo professor como mediador da leitura do filme exibido, ou seja, propiciar um espaço aberto ao diálogo onde o aluno seja capaz, por si só, de relacionar a imagem em movimento com a construção de seus próprios conceitos, fazendo com que a aprendizagem possa ser experienciada.

É nesse aspecto que o sentido filosófico também permeia o uso do cinema na sala de aula, quando, segundo Perissé (2009, p. 90), “a experiência estética nos faz perceber a variedade, a multiplicidade, a complexidade, as diferenças, as muitas verdades que nos rodeiam e solicitam nossa atenção”. Desse modo, é possível perceber a importância da experiência a ser vivenciada por meio de processos reflexivos mútuos entre professores e alunos estabelecidos na relação de ensino e de aprendizagem, pois:

Pensar o cinema é pensar a imagem e o conceito, visando colocar em evidência o sentido de uma obra e sua essência. O movimento que o cinema nos leva a fazer é um movimento de pensar e reflexionar as realidades que são projetadas para nós, ou despertadas, enquanto vemos a imagem, enquanto entramos na visualização da tela e dela retiramos algo: o sentido, a esperança, a dor, o lapso ou, até mesmo, a morte. [...] O cinema narra e faz com que nos elevemos no conceito de dizer e ver o que dizer; o cinema fala e, em sua fala, nos movimenta ao espaço da imaginação e da reflexão; o cinema educa e alcança a experiência do ensino-aprendizagem. (REDYSON, 2010, p. 121)

Isso nos mostra que a relação empírica com o mundo, num determinado momento, nos conduz à produção de ideias a partir das experiências sensoriais, sendo que, ao assistirmos um filme, é possível refletir a respeito do mesmo e, ao mesmo, tempo criar conceitos por meio das imagens experienciadas ao longo da sua exibição, ou seja, o ato de pensarmos o cinema favorece a associação entre a imagem em movimento e a conceituação daquilo que podemos ver, ouvir e sentir. Cabrera (2006, p 21) afirma que nesse momento, “um conceito-imagem é instaurado e funciona no contexto de uma experiência que é preciso ter, para que se possa entender e utilizar esse conceito”. Para o autor, não se trata de um conceito externo, de referência exte-

rior a algo, mas de uma linguagem instauradora que precisa passar por uma experiência para ser plenamente consolidada.

A “linguagem instauradora” exposta por Cabrera (2006) consiste em aproximar saberes e realidades, oferecer ao aluno a possibilidade de participar e de se sentir parte de um todo, pois, no momento em que assiste ao filme, possibilidades imagéticas (ideias criadas a partir da imagem gerada pelo filme), ganham uma proporção amplamente criativa que perpassa pela imaginação e formação de novos conceitos, obtidos por meio da sensibilização vivenciada naquele momento da aula. Para que este momento realmente seja produtivo, Moran (1995, p. 27-35) reforça a utilização principal do filme para sensibilizar o aluno, ao afirmar:

É, do meu ponto de vista, o uso mais importante na escola. Um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo da pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria.

E é por meio da sensibilização que a criatividade do aluno deverá ser explorada e valorizada pelo professor no planejamento das aulas quando este utilizar filmes, pois, o intuito é que aquele momento seja visto como algo prazeroso e propício para novos conhecimentos e possibilidades, porque, para Silva (2007, p. 50) “os filmes são uma fonte de conhecimento e se propõem, de certa forma, a “reconstruir a realidade””, justificando que o tempo disponibilizado para a exibição não seja desprezado e possa envolver todos os alunos.

Sobre isso, Perissé (2009, p. 87) argumenta:

A palavra criativa é o melhor recurso de que o professor dispõe. Essa palavra abre espaço para a verdade do encontro, indo em direção ao outro ao mesmo tempo em que encoraja o outro a assumir seu papel no jogo do aprender-ensinar. [...] A aula é encontro se houver espírito de infância, criação de situações que detêm o tempo.

Como expôs Perissé, o fato de se trabalhar com o filme na sala de aula deve ser um estímulo à criatividade, que por sua vez, transforma-se em uma situação propícia para a criação de conceitos, capacitando o aluno a desenvolver um processo de autonomia no que cerne ao entendimento e compreensão fílmica. Nessa direção, Veiverberg (2012, p. 76) afirma que “o filme é uma ferramenta didática, mas não apenas; é também um objeto cultural, que exige contextualização e justificação de seu uso”. Portanto, torna-se imprescindível pensar que o uso do cinema no ambiente escolar deverá contribuir não apenas como uma estratégia ao ensino, mas também a possibilidade de fortalecer o acesso à cultura.

## ROTEIROS DE AULA: PLANEJANDO O USO DE FILMES

Antes de discorrer sobre o que seria um roteiro de aula, é preciso lembrar o conceito de aula, pois quando planejada e articulada com o currículo, pode fazer com que a aprendizagem torne-se produtiva no contexto da ação docente. Libâneo (1994, p. 45), lembra que “[...] devemos entender a aula como o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula do processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo de aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos”.

Assim, quando uma aula é previamente organizada, torna-se possível para o professor pensar na elaboração de roteiros de aula com atividades de caráter educativo e que possam contribuir na compreensão dos temas abordados em sala, levando-se em consideração elementos norteadores referentes à sua disciplina, tais como: competências e habilidades e a relação com os conteúdos ou situações de aprendizagem descritas no currículo.

Na formulação do roteiro de aula, faz-se necessário pensar no planejamento das atividades que serão propostas a partir da exibição dos filmes. Napolitano (2009, p. 79-87), sugere alguns procedimentos básicos:

### Fase 1: Planejando as atividades

1. Pense no emprego do filme dentro de um planejamento geral;
2. Selecione uma sequência de filmes a serem trabalhados;
3. Antes de trabalhar com o filme em sala de aula, procure informações básicas;
4. Procure conhecer a cultura cinematográfica da classe.

### Fase 2: Analisando o filme

1. Não inicie o trabalho de análise exibindo o filme em classe;
2. Forneça um roteiro de análise para os alunos;
3. Selecione, se for preciso, textos de apoio;
4. Forme grupos de discussão com base nos relatórios;
5. Organize uma síntese da discussão grupal, relacionando-a com o conteúdo trabalhado.

A partir dos procedimentos indicados por Napolitano, é importante lembrar também que um roteiro de aula não pode ser considerado um recurso isolado, apenas

do ponto de vista pedagógico. Ele deve ser pensado também do ponto de vista motivacional, ou seja, um instrumento a mais para que o professor possa motivar o aluno e estimular a sua aprendizagem, preparando-o para novas experiências educativas.

Veiverberg (2012, p. 76), enfatiza:

Cada indivíduo desenvolverá uma compreensão diferente dos elementos presentes na obra fílmica, ou seja, o aluno espectador do filme é um agente, não passivo, de modo que haja um impacto e uma interpretação pessoal e que ela possa ser compartilhada, seja através da fala, da escrita ou de algum tipo de produção.

Concordando com Veiverberg, Napolitano (2009, p. 82), reforça que “qualquer que seja o tipo de exibição escolhida pelo professor, é de fundamental importância a elaboração de um roteiro de análise”. Assim, o roteiro de aula poderá contribuir ativamente para que o professor possa direcionar o olhar do aluno durante a exibição do filme, fazendo com que cada qual possa chegar a uma interpretação própria, porém, vinculando-o a um propósito comum relacionado ao assunto e disciplina trabalhados na aula, nesse caso, à Filosofia.

Veiverberg (2012, p. 77) ainda enfatiza que “uma aula de Filosofia que se vale do recurso fílmico não pode perder o seu caráter de aula e o seu objetivo de que nela ocorra ensino e aprendizagem”. Dessa forma, é possível observar que a estrutura dos roteiros de aula apresentada no quadro 1 se constitui em três partes principais: informativa, interpretativa e formativa, a serem contempladas a partir da exibição de um filme.

### QUADRO 1 – ESTRUTURA DOS ROTEIROS DE AULA

Momentos e Elementos		Objetivos
1	<b>ANTES</b> <b>Parte Informativa</b>	Fornecer informações básicas do filme:
		✓ Ficha Técnica
		✓ Sinopse
		✓ Personagens Principais (Elenco)
2	<b>DURANTE</b> <b>Parte Interpretativa</b>	Direcionar o olhar do aluno para aspectos importantes do filme por meio de questões que o levem a refletir filosoficamente através dos quatro passos didáticos propostos por Gallo (2012):
		✓ Sensibilização
		✓ Problematização
		✓ Investigação
		✓ Conceituação

<b>3</b>	<b>DEPOIS</b>	Referenciar o conteúdo ou tema trabalhado no Currículo de Filosofia a ser desenvolvido a partir do filme exibido, podendo utilizar-se:
	<b>Parte Formativa</b>	✓ Material de Apoio ao Currículo
		✓ Livro Didático
		✓ Atividade Complementar ao Filme

Fonte: Organizado pelos autores, a partir de elementos sugeridos por (NAPOLITANO, 2009, p. 82).

Procedemos à escolha dos filmes a partir da experiência com os mesmos na prática docente, além de afinidades particulares, no entanto, demos preferência a títulos que não estão presentes no acervo do Projeto “O Cinema vai à Escola”, ampliando-se, assim, a possibilidade de conhecer novas histórias e realidades fílmicas. Nesse sentido, apresentamos, a título de exemplificação dois roteiros de aula, a partir de filmes e gêneros diferentes que poderão ser desenvolvidos com alunos do Ensino Médio.

## ROTEIRO DE AULA 1

### Parte Informativa

#### Ficha Técnica

- ✓ **Título:** População 436
- ✓ **Gênero:** Suspense
- ✓ **Direção:** Michelle MacLaren
- ✓ **Ano:** 2006
- ✓ **Duração:** 92 minutos
- ✓ **País:** Canadá / Estados Unidos
- ✓ **Distribuidora:** Sony Pictures
- ✓ **Classificação Indicativa:** 14 anos

#### SINOPSE

No filme “População 436” (2006), a pitoresca cidade pequena de Rockwell Falls parece ser o paraíso na Terra. Mas quando Steve Kady, um investigador federal, é enviado para entender porque a população não mudou nos últimos cem anos, ele logo descobre o que realmente se esconde por trás da aparentemente perfeita cidade. Preso em uma doentia rede de fervor religioso e tradição puritana da qual ninguém nunca escapou, Kady precisa agora achar uma saída – ou perder sua vida – neste suspense fascinante.

#### PERSONAGENS PRINCIPAIS (ELENCO)

- ✓ Steve Kady (Jeremy Sisto)
- ✓ Bobby (Fred Durst)
- ✓ Dr. Greaver (David Fox)
- ✓ Prefeito Grateman (Frank Adamson)

- ✓ Amanda Jacobs (Reva Timbers)
- ✓ Courtney (Charlotte Sullivan)

### Parte Interpretativa

#### **Cena: 2 minutos (Sensibilização)**

Por que uma morte e um nascimento, juntos, modificariam a ordem cronológica?

#### **Cena: 17 minutos (Problematização)**

Por que uma morte e um nascimento, juntos, modificariam a ordem cronológica?

#### **Cena: 42 minutos (Investigação)**

Que influência poderia ter os números na crença e no modo de viver das pessoas?

#### **Cena: 1 hora e 25 minutos (Conceituação)**

A ordem da vida poderia ser determinada pela relação dos números com o divino?

### Parte Formativa

De acordo com a orientação no Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014a, p. 23), “[...] Como a pesquisa é fundamental para o desenvolvimento autônomo do educando, sugerimos dar a ele algumas ferramentas de pesquisa em História da Filosofia, de modo especial pela elaboração de biografias”.

De acordo com a orientação no Caderno do Aluno (SÃO PAULO, 2014b, p. 21):

**Série:** 1ª Série do Ensino Médio

**Situação de Aprendizagem 3:** Instrumentos de pesquisa em História da Filosofia.

**Habilidade:** Relacionar questões atuais a questões da História da Filosofia.

**Atividade:** O objetivo dessa atividade é caracterizar, de forma mais ampla, os diferentes momentos da Filosofia Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, abordando o contexto histórico geral, datas, subdivisões do período, principais problemas filosóficos, principais escolas filosóficas e uma pequena biografia dos grandes filósofos de cada período. Posteriormente, é indicada na lição de casa (pág. 25), que se realize uma pesquisa biográfica sobre a vida de um filósofo indicado pelo professor, ressaltando o que o mesmo pensou sobre ética, política e teoria do conhecimento (nesse caso, sugerimos a pesquisa sobre Pitágoras).

#### **Sugestão dos autores como Atividade Complementar ao Filme**

Na pesquisa realizada pode-se também reforçar a importância dos pré-socráticos para o surgimento da Filosofia, enfatizando a Escola Pitagórica e, em especial, as contribuições de Pitágoras na matemática. Nesse sentido, a partir da exibição do filme e da ideia de que “números regem o universo”, pode-se pedir aos alunos que organizem uma cronologia das atividades do seu cotidiano e, em seguida, fazer um breve relato escrito, levando-os a uma reflexão sobre como estão fazendo o uso do tempo em suas vidas.

## ROTEIRO DE AULA 2

### Parte Informativa

#### Ficha Técnica

- ✓ **Título:** A Ilha do Dr. Moreau
- ✓ **Gênero:** Ficção Científica
- ✓ **Direção:** John Frankenheimer
- ✓ **Ano:** 1996
- ✓ **Duração:** 96 minutos
- ✓ **País:** Estados Unidos
- ✓ **Distribuidora:** New Line Cinema
- ✓ **Classificação Indicativa:** 14 anos

#### SINOPSE

No filme “A Ilha do Dr. Moreau” (A ILHA..., 1996), em uma remota ilha no Pacífico Sul, o Dr. Moreau usou a chave da ciência para abrir os portões do inferno neste fantástico thriller de ficção científica baseado no best-seller de H. G. Wells. Dr. Moreau é um brilhante geneticista em busca da evolução. Quando um diplomata das Nações Unidas visita o laboratório de Moreau em sua ilha, descobre fantásticos, mas brutais experimentos transformando animais em bestas humanoides. Enquanto Moreau e seu assistente seguem em busca da criação da forma de vida perfeita, começa uma rebelião entre as feras que ameaça não só a ilha, mas toda a humanidade!

#### PERSONAGENS PRINCIPAIS (ELENCO)

- ✓ Dr. Moreau (Marlon Brando)
- ✓ Montgomery (Val Kilmer)
- ✓ Edward Douglas (David Thewlis)
- ✓ Aissa (Fairuza Balk)
- ✓ Pregador da Lei (Ron Perlman)
- ✓ Lo-Mai (Mark Dacascos)
- ✓ M’Ling (Marco Hofschneider)
- ✓ Azazello (Temuera Morrison)

### Parte Interpretativa

#### **Cena: 3 minutos (Sensibilização)**

O instinto de sobrevivência pode levar seres humanos a se comportarem como animais selvagens?

#### **Cena: 30 minutos (Problematização)**

A Ciência seria capaz de modificar a existência e o comportamento humano a ponto de criar uma espécie perfeita?

#### **Cena: 41 minutos (Investigação)**

A manipulação genética poderia levar animais selvagens a raciocinar como seres humanos?

#### **Cena: 1 hora e 21 minutos (Conceituação)**

Existe um limite quanto à interferência da Ciência na manipulação da vida humana?

### Parte Formativa

De acordo com a orientação no Caderno do Professor (SÃO PAULO, 2014c, p. 43), “Sugerimos a leitura de um excerto para promover uma reflexão profunda sobre o que queremos quando manipulamos os processos de vida e morte e as consequências geradas a partir disso”.

De acordo com a orientação no Caderno do Aluno (SÃO PAULO, 2014c, p. 32):

**Série:** 2ª Série do Ensino Médio

**Situação de Aprendizagem 5:** Introdução à Bioética.

**Habilidade:** Discutir questões do campo da Bioética, distinguindo o papel da reflexão filosófica para o seu enfrentamento.

**Atividade:** O objetivo dessa atividade é promover a reflexão acerca de temas relacionados à bioética utilizando-se da análise e interpretação de alguns excertos, tais como: “A duração da vida humana” (discute os progressos da biologia celular nos processos de envelhecimento), “Bioética” (discute o surgimento do termo e seus campos de análise), “Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos” (discute sobre a manipulação do genoma humano) e “A medicalização e a mercantilização da vida” (discute como tratamentos médicos e até pesquisas transformaram a vida em uma espécie de mercadoria ou fonte de consumo).

### Sugestão dos autores como Atividade Complementar ao Filme

Com base nas leituras realizadas, percebe-se que a bioética consiste no estudo de questões de ordem moral suscitadas por pesquisas científicas e tecnológicas voltadas para a manutenção e/ou alteração dos ritmos da vida. Nesse sentido, a partir da exibição do filme, sugerimos que se realize um seminário reflexivo sobre temas bioéticos, tais como: pesquisas com células-tronco, clonagem, fertilização in vitro, aborto, eutanásia, produção de transgênicos, ética médica e científica, transplante de órgãos, uso de drogas ilícitas em tratamentos médicos etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da Filosofia nos currículos escolares, bem como o espaço concedido à mesma passou e ainda passa por diversos percalços na educação brasileira, na busca de estratégias que possam favorecer o aprimoramento do seu ensino, que por sua vez, quando apoiado por elementos didáticos, pode orientar o seu estudo, perfazendo os momentos de sensibilização, problematização, investigação e conceitualização.

Para tanto, a experiência do cinema na sala de aula pode-nos parecer algo mágico, mas também se tornar uma prática vazia caso o seu uso não seja planejado. Nesse caso, acreditamos que a elaboração dos roteiros de aula possa contribuir de maneira positiva para o Ensino de Filosofia, quando este considerar em sua estrutura as partes informativa, interpretativa e formativa.

Esperamos que os roteiros de aula não sejam vistos como um ponto final para o trabalho docente, nem mesmo como um instrumento estático e inalterável. Ao contrário, desejamos que os mesmos possam abrir caminhos para o Ensino de Filosofia, e também para as demais disciplinas, que poderão utilizar-se dessa me-

todologia e estrutura para elaborar seus próprios roteiros, adequando-os de acordo com a necessidade e realidade em que estiverem inseridas.

Dessa forma, desejamos que além de contribuir para a reflexão filosófica, os roteiros de aula possam suscitar novos olhares para uma educação transformadora, que não só exige como também necessita de professores dispostos a se aperfeiçoarem continuamente, promovendo melhorias na prática docente, mas também, preparando cidadãos conscientes e autores da própria mudança.

## REFERÊNCIAS

- A ILHA do Dr. Moreau. Direção: John Frankenheimer. Produção: Edward R. Pressman. Intérpretes: Marlon Brando, Val Kilmer, David Thewlis, Fairuza Balk, Ron Perlman, Mark Dacascos, Marco Hofschneider, Temuera Morrison e outros. Roteiro: Richard Stanley e Ron Hutchinson. Música: Gary Chang. Los Angeles: New Line Cinema, 1996. 1 DVD (96 min).
- ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaLegislacao.action>>. Acesso em: 07 fev. 2018.
- BRASIL. Congresso Nacional. Casa Civil. *Lei n.º 11684*, de 2 de junho de 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm)>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer n.º 38*, de 7 de julho de 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb038\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb038_06.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf). Acesso em: 20 maio 2015.
- CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CARDOSO, Leila Aparecida Assolari; TOSCANO, Carlos. *A mediação pedagógica na sala de aula: o papel do professor na construção do conhecimento*. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 10, 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUCPR, 2015. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5829\\_2776.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5829_2776.pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2015.
- DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GALLO, Sílvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas: Papyrus, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 2, p. 27-35, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

PERISSÉ, Gabriel. *Estética e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

POPULAÇÃO 436. Direção: Michelle MacLaren. Produção: Jessika Borsiczky e outros. Intérpretes: Jeremy Sisto, Fred Durst, David Fox, Frank Adamson, Reva Timbers, Charlotte Sullivan e outros. Roteiro: Michael Kingston. Música: Glenn Buhr. Culver City: Sony Pictures Entertainment, 2006. 1 DVD (92 min).

REDYSON, Deyve. A versão cinematográfica do Fausto de Goethe do *Opus Summun* ao Cinema Mudo. In: ALMEIDA, Jorge Miranda de; AGUIAR, Itamar Pereira de. (Org.). *Filosofia, Cinema e Educação*. Vitória da Conquista, ES: Edições UESB, 2010. p.121-132.

RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SÃO PAULO (estado). Secretaria da Educação. *Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias*. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2012.

SÃO PAULO. *Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do professor; filosofia, ensino médio, 1ª série, vol. 1*. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2014a.

SÃO PAULO. *Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do aluno; filosofia, ensino médio, 1ª série, vol. 1*. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2014b.

SÃO PAULO. *Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do professor; filosofia, ensino médio, 2ª série, vol. 2*. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2014c.

SÃO PAULO. *Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do aluno; filosofia, ensino médio, 2ª série, vol. 2*. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2014d.

SILVA, Roseli Pereira. *Cinema e educação*. São Paulo: Cortez, 2007.

THIEL, Grace Cristiane. *Movie takes: a magia do cinema na sala de aula*. Curitiba: Aymar, 2009.

VEIVERBERG, Fernanda de Oliveira. Cinema e Filosofia. In: TOMAZETTI, Elisete M. (Org.). *Filosofia no ensino médio: experiências com cinema, teatro, leitura e escrita a partir do PIBID*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 65-92.

---

Recebido em: 28/06/ 2017.

Aceito em: 01/03/2018.